



## UM OLHAR COMPARATIVO PARA A HISTÓRIA RECENTE DOS CAMPOS EDITORIAIS BRASILEIRO E ARGENTINO: A EDIÇÃO DE LIVROS EM BUENOS AIRES E NO EIXO RIO DE JANEIRO-SÃO PAULO<sup>1</sup>

*JOSÉ DE SOUZA MUNIZ JÚNIOR*<sup>2</sup>  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

### Introdução

Brasil e Argentina têm sido objeto de interesse mútuo por parte de diversos pesquisadores das ciências humanas. Tal curiosidade pela experiência histórica, social e política de um em relação ao outro tem suscitado não apenas investigações em sentido especular –isto é, brasileiros estudando a Argentina e argentinos estudando o Brasil–,<sup>3</sup> como também o surgimento de pesquisas de viés mais explicitamente comparativo.<sup>4</sup>

Tal confronto parece ter duas dimensões importantes e complementares. A primeira consiste numa tentativa –nem sempre anunciada mas com frequência subjacente– de explicar a realidade latino-americana a partir dela própria, remetendo a uma suposta especificidade que seus distintos povos e países compartilham na condição de “modernidades periféricas”. A segunda é a inserção num momento histórico de aproximação dos dois países, que, na condição de grandes economias do continente e artífices maiores do Mercosul, passam a sustentar curiosidade (menos ou mais

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no I Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición (La Plata, 31 de outubro a 2 de novembro de 2012). Agradeço aos professores Bernard Lahire e Alejandro Dujovne, pelas contribuições à discussão proposta neste texto.

**2 ALUNO DE DOUTORADO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). MESTRE EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E BACHAREL EM COMUNICAÇÃO SOCIAL–EDITORAÇÃO PELA MESMA UNIVERSIDADE. BOLSISTA DE DOUTORADO DA CAPES (2012) e da FAPESP (2013-2015). E-mail: jmunizjr@gmail.com.**

<sup>3</sup> Seria impossível (ou infrutífero) listar todas as pesquisas em humanidades que têm sido produzidas nesse sentido. No que tange ao interesse mais imediato da pesquisa que ora realizamos, podemos destacar os trabalhos do historiador brasileiro Rodrigo de La Torre Oliveira (2010), que focaliza o mercado editorial argentino no início do século XX, e do antropólogo argentino Gustavo Sorá (2010; 2003; 1994), que investigou a trajetória do editor José Olympio, a tradução de autores brasileiros na Argentina e as bienais do livro de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, Fausto & Devoto (2004), Neiburg (2004), Grimson (2007), Ramírez (2007), Soares (2007), Jackson & Blanco (2011), Miceli (2012). No que se refere especificamente à edição de livros, destaquem-se também contribuições que abrangem espectros mais amplos de países latino ou ibero-americanos: Bolaño & Mastrini (2000), Borda (2000) e Kulesz (2011), além dos relatórios produzidos pelo CERLALC (2012; 2010).



interessada) uma pela outra. Tal interesse, vale dizer, tem se dirigido tanto às questões propriamente “binacionais” (a diplomacia, o comércio exterior, a gestão de fronteiras, o turismo, a tradução etc.), quanto a dimensões como a cultura, o esporte, as artes etc.

Um empreendimento comparativo dessa espécie –isto é, que busque dar conta de contrastar realidades nacionais próximas no tempo e no espaço– se justifica somente à medida que uma das experiências sócio-históricas ajude a iluminar a outra e vice-versa. Isso pressupõe, obviamente, evitar deduzir das idiosincrasias de um país as do outro, risco que, em nosso caso e em muitos outros, deriva de que o pesquisador tenha se criado como sujeito em uma das duas realidades contrastadas. O jardim do vizinho não pode ser, a priori, nem mais bonito nem mais feio que o nosso –mas deverá se revelar, no decorrer da pesquisa, tanto igual (porque é um jardim) quanto diferente (porque é do vizinho). A tensão entre semelhança e diferença, entre identidade e alteridade, somente o material empírico é que dará conta de trazer à tona.

Para os propósitos desta pesquisa, penso ser fundamental esmiuçar certos aspectos macrossociológicos, alguns dos quais já bastante conhecidos, que me parecem essenciais para compreender a edição de livros no Brasil e na Argentina a partir de uma perspectiva comparativa. Tais aspectos ajudarão a compor retratos morfológicos de ambas as realidades, e cada um deles servirá como porta de entrada para o escrutínio de temas mais pontuais, dentro do período estabelecido (de 1991 a 2010). Dentre os muitos focos possíveis, destaco aqui certas “territorialidades” da edição de livros em ambos os países. Para começo de conversa, elegi dois aspectos complementares: primeiro, a concentração da atividade editorial nas grandes metrópoles de cada país (São Paulo/Rio de Janeiro e Buenos Aires); segundo, a posição relativa dessas “capitais editoriais” em seus respectivos mercados linguísticos.

### **Geografia urbana, geografia dos livros**

São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires são as três maiores metrópoles sul-americanas, tanto em termos populacionais como em raio de influência econômica e cultural. Nelas concentra-se boa parte das instituições financeiras, parques industriais, empresas de comunicação e ofertas de arte e cultura de seus respectivos países. Tal



ponto comum denuncia, porém, uma diferença fundamental entre Brasil e Argentina: se no primeiro o protagonismo urbano é dividido entre as capitais paulista e fluminense – nenhuma delas, vale frisar, é a capital política do país–, além de incluir importantes centros secundários, no segundo percebe-se uma concentração bastante forte em Buenos Aires, “cuja hegemonia inviabiliza até hoje quaisquer pretensões de reconhecimento da atividade intelectual nas províncias” (Miceli 2010: 15). Em seu prólogo à edição brasileira a *Modernidade periférica* de Beatriz Sarlo, o autor prossegue no contraste: “A predominância do eixo Rio de Janeiro-São Paulo em todos os domínios da atividade cultural nunca breou os surtos regionais de criatividade intelectual, em especial nos casos de Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul”.

Em termos populacionais, o peso relativo dessas metrópoles é igualmente dispar. Juntas, as populações das regiões metropolitanas de São Paulo (quase 20 milhões de habitantes) e do Rio de Janeiro (quase 12 milhões) correspondem a menos de 17% da população brasileira total, ao passo que, sozinha, a população da Grande Buenos Aires, de quase 13 milhões, equivale a cerca de um terço do contingente total argentino.

Boris Fausto e Fernando Devoto (2004) notam que tal concentração demográfica e cultural se relaciona à própria constituição histórica dos países. No Brasil, desde muito cedo o protagonismo, regulado pelos contatos com a Europa, foi dividido entre Recife e Salvador, às quais mais tarde se acrescentou o Rio de Janeiro, em 1763 tornada capital – condição que se manteve até 1960, com a criação de Brasília. No início do século XX, com a produção do café e a industrialização, São Paulo surge como novo polo de convergência e atração de pessoas, capitais e empreendimentos de toda espécie. No caso argentino, desde cedo Buenos Aires catalisou o contato com a Europa e concentrou as instituições nacionais; no final do século XIX e início do XX, o aumento da população na cidade e nas cercanias acaba por aprofundar essa centralidade.

Tais características se reproduzem, em grande parte, nos respectivos mercados de edição de livros –que se constitui historicamente como atividade predominantemente urbana. Qualquer que seja o critério quantitativo observado (número de editoras instaladas, número de títulos ou tiragens produzidas, faturamento etc.), as três capitais culturais em questão mostram possuir grande capacidade de concentração.

No que se refere ao espectro mais amplo das indústrias culturais, tanto no Brasil como na Argentina parece existir uma tensão fundamental: de um lado, o ponto em torno dos



quais orbita a atividade do país todo –respectivamente, Buenos Aires e o eixo Rio-SP–, que concentram as empresas culturais, as instâncias de difusão e também de consagração; de outro, o restante do país, regiões cada uma das quais com seus centros, secundários em nível nacional. No caso brasileiro, soma-se a isso a tensão fundante entre os dois polos, Rio de Janeiro e São Paulo, que dividem esse protagonismo a pender mais para um lado, mais para o outro conforme o caso.

Com isso não se pretende sublinhar uma rivalidade explícita entre as duas grandes metrópoles brasileiras, derivada de identidades regionais que se instituem em oposição uma à outra, mas sim uma tensão de fundo que, de muitas maneiras, organiza a vida cultural do país. Em distintos momentos da história do país e em diferentes domínios da atividade simbólica, São Paulo e Rio de Janeiro revezam-se como polos hegemônicos, concentrando instituições de produção e instâncias de consagração, atraindo produtores do restante do país, regulando os regimes de visibilidade e de representatividade em campos específicos, funcionando como porta-voz, antena ou catalisador de registros estéticos ou movimentos artísticos organizados etc.

No caso portenho, não se trata de pensar uma suposta uniformidade das empresas ou dos agentes dos campos culturais, supostamente unidos e convergindo para a capital do país; em vez disso, é necessário compreender de que maneira as disputas se dão num mesmo tecido urbano, todas elas de algum modo plasmadas por uma identidade local compartilhada, mas guardando relações com outras identidades (regionais, ideológicas, estéticas etc.). Tanto aqui como lá, interessam fatores outros (pertencimentos de classe e frações de classe, origem familiar, capitais culturais e econômicos acumulados etc.) que vão sedimentando a constituição das distintas posições e tomadas de posição. O que marca a singularidade do caso brasileiro é que tais disputas se dão em dois tecidos urbanos relativamente autônomos, cada qual atravessado tanto por questões internas como pelas relações dúbias, contraditórias, com sua contraparte.

No caso do mercado editorial, essa particularidade do bicentralismo brasileiro torna-se bastante evidente com a polarização entre a Câmara Brasileira do Livro, criada em São Paulo em 1946, e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, germinada seis anos antes no Rio de Janeiro. Não é de se impressionar que, ao contrário do que acontece na Argentina, onde a Feira Internacional do Livro acontece todos os anos em Buenos Aires, no Brasil se realiza a Bienal Internacional do Livro, que é realizada de modo



intercalado em São Paulo, com a organização da CBL, e no Rio, sob a batuta do SNEL. De um lado, São Paulo representa uma espécie de sede do poder econômico do campo, porque é onde se localiza a maior parte dos grandes grupos, incluídos os transnacionais e os líderes do gigantesco segmento de livros didáticos. De outro, é no Rio onde fica a Biblioteca Nacional, responsável pelo rumo de algumas importantes políticas públicas para o setor em articulação com as instâncias superiores em Brasília; também é no Rio onde se localizam importantes editoras do polo heterônimo.

Tal problemática, transposta para a Argentina, exige a construção de uma territorialidade muito distinta: Buenos Aires é não só a capital política do país, sede do Ministério da Cultura, do Ministério da Educação e da Biblioteca Nacional, como também concentra o poder econômico do campo editorial argentino e as instituições representativas do setor, como a Cámara Argentina del Libro, a Cámara Argentina de Publicaciones, a Fundación El Libro (que organiza a Feira do Livro) etc. A despeito do recente surgimento de diversas editoras pequenas e médias nas províncias, esse surgimento também ocorre –e, ao que parece, de maneira quantitativamente mais significativa– na cidade autônoma de Buenos Aires.

Mesmo no âmbito das autodenominadas editoras independentes, ou pelo menos no que se refere a suas formas de agrupamento, essa diferença entre Brasil e Argentina salta aos olhos. No primeiro caso, a Libre (Liga Brasileira de Editoras) surge no Rio de Janeiro, mas possui sede em São Paulo; de suas 99 editoras afiliadas, 40 são paulistanas e 39 são cariocas; as outras 20 se localizam em outras cidades, como Belo Horizonte (7) e Porto Alegre (3). No caso da Edinar (Alianza de Editores Independientes de la Argentina por la Biodiversidad), das 30 afiliadas, 27 estão na cidade de Buenos Aires. Não obstante as diferenças de representatividade política e das formas de arregimentação dos dois coletivos de editores, o primeiro mais institucionalizado e consolidado que o outro, fica evidente que o primeiro se reporta a dois grandes centros, e o segundo é tributário de apenas um.

O que, de todo modo, aproxima as experiências argentina e brasileira em todos os aspectos supracitados é a extrema concentração do mundo cultural –e, especificamente, do mundo do livro– em suas grandes metrópoles. Isso não as singulariza no contexto internacional: mesmo entre os países centrais há muitos onde as indústrias culturais se concentram em cidades específicas, não raro suas capitais nacionais. De todo modo, se



ainda se julgar necessária a comparação entre nossas nações e aquelas do norte, talvez valha a pena traçar um paralelo da Argentina com a França (onde a vida cultural está fortemente centrada em Paris) e do Brasil com a Espanha (onde tal realidade encontra-se cindida entre Madri e Barcelona).

Há, contudo, um aspecto que distancia tais experiências e, novamente, aproxima a realidade de nossas “modernidades periféricas”. Na Espanha, a oposição entre Madrid e Barcelona como metrópoles culturais está fortemente marcada por identidades regionais que são, em parte, também identidades nacionais e linguísticas muito marcadas. Embora no Brasil o protagonismo se divida entre Rio de Janeiro e São Paulo, conforme assinalamos, nunca é demais destacar que ambas estão no Sudeste do país e mantêm entre si apenas a distância de uma ponte aérea. Persiste, no Brasil e na Argentina, a oposição fundamental entre o que se faz em nossas capitais culturais, aglutinadoras dos capitais econômicos e simbólicos do campo, e nos nossos rincões mais distantes –da Amazônia aos campos gaúchos, do Chaco à Patagônia.

São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires se converteram, enfim, não apenas em cidades-polo dos campos de produção simbólica, mas centros para onde os esforços dos produtores, locais ou forâneos, devem convergir para alcançar fruição, reconhecimento, distribuição, prestígio –enfim, para gozar das benesses simbólicas e econômicas menos ou mais necessárias à continuidade de seus empreendimentos. Tudo o que fica fora desses polos, de maneira deliberada ou não, mantém a condição de cultura periférica ou regional –pecha da qual, aliás, não conseguem escapar nem mesmo dos muitos produtores culturais trasladados para as capitais culturais. Não obstante a existência de cenas culturais locais representativas, com especificidades muito marcadas, ainda não se puderam criar as condições propícias para que tais cenas sejam plenamente reconhecidas a partir de si, sem precisar se reportar às “metrópoles onde tudo acontece”. Ao fim e ao cabo, o que parece válido é concentrar esforços na análise dessas metrópoles, no sentido de que é nelas onde se condensa uma parte fundamental de nossos campos editoriais. Afinal, ali estão a maioria das editoras, de seus organismos de representação, os eventos, as ofertas de formação específica, as instâncias de consagração internas e externas ao campo etc. Entretanto, não se pode jamais negligenciar que tais centralidades se dão em detrimento de outras, possíveis, reais ou imaginadas, dentro de nossos países ou fora deles, como se esboçará a seguir.



### **Edição e mundo**

A essa geografia dos espaços editoriais nacionais se soma uma outra, que diz respeito à posição que os países (e, logo, suas capitais editoriais) ocupam no mercado internacional do livro. A combinação dessas duas escalas de observação complexifica o problema, na medida em que traz à tona novas camadas de oposição centro-periferia e concentração-dispersão. Sob essa perspectiva, São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos tornam-se loci privilegiados para investigar o cruzamento entre amarras características do Estado-nação e aquelas derivadas de políticas, fluxos e decisões que o transcendem.

Em primeiro lugar, é importante notar que tanto Brasil como Argentina fazem parte de mercados linguísticos periféricos (português e espanhol) com relação ao inglês, ao francês e ao alemão. Não obstante os intercâmbios culturais diretos entre ambos os países, é comum que nossos autores se tornem traduzíveis apenas sob o intermédio de centros editoriais de maior magnitude, responsáveis por regular a visibilidade das obras em nível mundial, ou de um centro de negociações do porte de Frankfurt.

Embora São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires sejam, cada qual a seu modo, centros culturais e editoriais hegemônicos em seus espaços nacionais, ocupam posições bastante diversas em seus respectivos espaços linguísticos. No caso argentino, é quase impossível pensar o estatuto da produção local sem considerar produções concorrentes do espaço hispanófono: basta lembrar a importância dos mercados editoriais espanhol, mexicano e colombiano, além de outros menores (Chile, Peru, Venezuela etc.), multipolaridade que organiza a geopolítica do livro em espanhol. No caso brasileiro, apesar da relativa importância qualitativa e quantitativa da produção editorial em Portugal, as produções editoriais de além e aquém-mar possuem forte autonomia uma em relação à outra.

É evidente que a demografia não encerra a solução do problema, mas o peso de nossas populações nacionais nas respectivas comunidades linguísticas tem algo a dizer: enquanto o Brasil, país de proporções continentais, concentra quase 80% dos habitantes da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), a população argentina representa menos de 10% da população total dos países de língua espanhola. Isso dá ao Brasil um peso relativo maior que o da Argentina em termos quantitativos. Sua produção editorial total aproxima-se da produção da Espanha, líder entre os países



hispanófono, e supera em muito a produção portuguesa, que não é desprezível, e ainda mais a de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor Leste. Já a Argentina, cuja produção nos últimos anos é superada pela da Espanha, divide a vice-liderança entre os hispanófonos com o México, conforme o dado quantitativo considerado.<sup>5</sup>

Disso se depreende uma relativa inversão do que se havia dito antes: se no mercado doméstico o peso de Buenos Aires é bem mais pronunciado que o do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, nos termos do mercado internacional a magnitude portenha é menor, dado o peso de centros editoriais como Madrid, Barcelona e Cidade do México. Quanto ao caso lusófono, não só a enorme população brasileira, mas o crescimento de nosso mercado editorial, em especial no segmento de livros didáticos, faz do eixo Rio de Janeiro-São Paulo um concorrente importante à dobradinha Lisboa-Porto.

De todo modo, o que se põe em jogo é uma complexa combinatória de variáveis (população total e população leitora; número de títulos, de exemplares, de editoras; importação e exportação de livros etc.). O intuito, aqui, foi tão somente o de indicar algumas balizas para adicionar novas camadas de problematização à dinâmica de centralidade e de concentração exercida por nossas “capitais editoriais”, objetos privilegiados de investigação por condensar muitas das contradições e problemáticas pertinentes à compreensão do mundo do livro.

### **Considerações finais**

Os fatores pertinentes para um estudo comparativo dos campos editoriais argentino e brasileiro, com destaque para suas “capitais editoriais”, seguem em uma lista quase interminável. Seria igualmente possível e necessário, por exemplo, contrastar a constituição histórica das políticas de escolarização e alfabetização e a formação de um mercado leitor (que, como sabemos, foram mais precoces e efetivas em solo argentino); seria válido, ainda, explorar o surgimento e desenvolvimento das instituições políticas especializadas, dos agrupamentos, das instâncias de legitimação, das ofertas formativas, para compreender de que modo tais fatores incidem sobre a autonomização e a

---

<sup>5</sup> Em 2009, embora os dois países tenham publicado número semelhante de títulos, segundo o registro do ISBN, o número de exemplares no México (328 milhões) supera em muito o da Argentina (75 milhões), parte em função do mercado de livros didáticos, que no caso mexicano é quantitativamente maior.





profissionalização de nossos campos editoriais. Ainda num viés de retrospectiva histórica, é possível comparar os percursos e percalços nos processos de concentração e transnacionalização de nossos mercados editoriais nacionais, com destaque para o papel das empresas espanholas em ambos. Em todos esses casos, podemos encontrar semelhanças e diferenças que ajudem a explicar, de modo especular, os condicionamentos atuais dos nossos campos editoriais.

Com o recorte aqui proposto, busquei somente dar conta de aspectos relativos às territorialidades da edição de livros em duas escalas específicas de observação (nacional e transnacional). Tendo buscado fugir de dicotomias como maior/menor e melhor/pior, presentes tanto nas análises comparativas mais combativas como nas de matiz nacionalista, foi necessário recorrer a outros pares de oposição, como central/marginal e concentração/dispersão, mais adequados para compreender as tensões do mundo do livro em suas relações com outros campos sociais e consigo próprio. Tais oposições, que remetem ao caráter espacial da edição de livros como atividade duplamente econômica e simbólica, precisam ocupar na investigação o lugar não de simples “pano de fundo”, mas de esteira sobre a qual se deita a constituição histórica de nossa produção editorial. É necessário, igualmente, evitar que tais oposições permaneçam como dados da natureza, construídos de cima para baixo: para isso, será necessário recorrer às práticas e representações de indivíduos e grupos concretos, agentes a partir dos quais tais centralidades e marginalidades, concentrações e dispersões, se refazem continuamente. Tais são, me parece, algumas condições gerais para que possamos buscar uma reflexão comum, compartilhada, mútua, crítica porém generosa, a partir da qual consigamos construir, quem sabe, uma Iguazu editorial.

### **Bibliografía**

-Bolaño, César y Guillermo Mastrini (Orgs.) (2000). *Globalización y monopolios en la comunicación en América: hacia una economía política de la comunicación*, Buenos Aires, Biblos.

-Borda, Juan Gustavo Cobo (Ed.) (2000). *Historia de las empresas editoriales de América Latina*, Bogotá, CERLALC.

-CERLALC-UNESCO (2010). El espacio iberoamericano del libro 2010. Bogotá, out. 2010. Disponível em:



<[http://www.cerlalc.org/files/tabinterno/bddf10\\_Espacio\\_2010.pdf](http://www.cerlalc.org/files/tabinterno/bddf10_Espacio_2010.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

- \_\_\_\_\_ (2012). El libro en cifras: boletín estadístico del libro en Iberoamérica. vol 1. Bogotá, ago. 2012. Disponível em: <[http://www.cerlalc.org/files/tabinterno/7ad328\\_Libro\\_Cifras\\_Ago2012.pdf](http://www.cerlalc.org/files/tabinterno/7ad328_Libro_Cifras_Ago2012.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

-Fausto, Boris y Fernando Devoto (2004). *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*, Trad. Sergio Molina, São Paulo, Ed. 34.

-Grimson, Alejandro (Org.) (2007). *Pasiones nacionales: política y cultura em Brasil y Argentina*, Buenos Aires, Edhasa.

-Jackson, Luiz y Alejandro Blanco (2011). *Crítica literária e sociologia no Brasil e na Argentina. Tempo Social* (USP. Impresso), v. 23, 14-40.

-Kulesz, Octavio (2011). “La edición digital en los países en desarrollo” [s.l.]. Alianza Internacional de los Editores Independientes, 2011. Disponível em: <[http://alliance-lab.org/etude/wp-content/uploads/edicion\\_digital.pdf](http://alliance-lab.org/etude/wp-content/uploads/edicion_digital.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2012.

-Miceli, Sergio (2010). “Prólogo”. Beatriz Sarlo, *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920-1930*, São Paulo, CosacNaify.

- \_\_\_\_\_ (2012). *Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano*, São Paulo, Companhia das Letras.

-Neiburg, Federico (2004). “Economistas e culturas econômicas no Brasil e na Argentina: notas para uma comparação a propósito das heterodoxias”. *Tempo Social*, v. 16, n. 2, 2004. p. 177-202. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v16n2/v16n2a08.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

-Olivera, Rodrigo de la Torre (2010). “Públicos leitores em formação: popularização das coleções de livros na Argentina (1901-1924)”. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo.

-Ramírez, Hernán (2007). *Corporaciones en el poder. Institutos económicos y acción política en Brasil y Argentina: IPÊS, FIEL y Fundación Mediterránea*, Buenos Aires, Lenguaje Claro.

-Soares, Gabriela Pellegrino (2007). *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e Brasil, 1915-1954*, Belo Horizonte, Ed. UFMG.



-Sorá, Gustavo (1994). “Livros de uma exposição: etnografia das bienais internacionais de livros do Rio de Janeiro e São Paulo”. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- \_\_\_\_\_ (2003). *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*, Buenos Aires, Libros del Zorzal.

- \_\_\_\_\_ (2010). *José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*, São Paulo, Edusp/Com-Arte.